



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MEDO, POESIA E FILOSOFIA: A FILOSOFIA COMO OBJETO NO PESSIMISMO

Ginaldo Gonçalves Farias⁴³²
(UESB)

RESUMO

Partindo do medo como sentimento atávico e visceral, e do pessimismo como experiência íntima, salta-se da Poesia para a Filosofia, num jogo alucinante de incertezas e conflitos. Por fim anuncia-se a ideia de um filosofar poemático, onde o texto filosófico seria um objeto estético, um objeto problema e inaugura o Equivocionismo como Filosofia dos tolos e poesia dos tontos, mas que por fim educa e difunde o conhecimento através da precisão poética e da irresistível ação do co-mover.

PALAVRAS-CHAVE: Medo. Filosofia. Poesia.

Resumen: A partir de sentimientos como el miedo atávico y visceral, y el pesimismo como una experiencia íntima, salta a la filosofía de la poesía, un increíble juego de incertidumbres y conflictos. Finalmente se anunció la idea de un poemático filosofar cuando el texto filosófico sería un objeto estético, un problema de objeto y abre la Equivocionismo como Filosofía de los necios y los matones de la poesía, pero que en última instancia educa y difunde el conocimiento a través de la precisión poética y la acción irresistible del co-movimiento.

INTRODUÇÃO

Sempre escolhi o verso pra esconder meu medo da gramática. No verso minha dificuldade com a língua era disfarçada, mas depois descobrir que o verso exigia criatividade técnica, ritmo, inspiração e erudição. Corri para a Filosofia, mas

⁴³²Especialista em Filosofia, Professor de Filosofia no IFBA - Santo Amaro-Ba, membro do grupo de pesquisa Espistemologia interdisciplinar da complexidade - Epistranscomplex - DMMDC/UFBA. E-mail: ginaldogoncalves@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a Filosofia me exigia tudo que não podia dar, a Filosofia exigia intuição e rigor. Então procuro fazer uma Filosofia em verso para vê se esconde minha fragilidade. O Nietzsche dizia que o filósofo morava numa montanha vizinho de outra que morava o poeta. Eu moro no vale comum entre os homens do vale.

Entre as montanhas espero às vezes encontrar na feira o Manoel Bandeira ou o Schopenhauer ou o Platão ensinando aos seus discípulos. Quando o poeta me pergunta sobre meus versos digo-lhe que não é poesia, é Filosofia. Quando o filósofo me pergunta pela Filosofia digo que é poesia. E assim remendo meus dias tecendo sentimentos estranhos. Alinhavo um inútil remorso a uma imensa covardia. Costuro minha vaidade à minha hipocrisia. No final componho meu ódio. Ódio dos poetas. Ódio dos filósofos. Ódio de primeira. Forrado e enfeitado para vestir minha inveja. Assim meu inventário é de problemas mal colocados e poemas mal construídos.

Este artigo não tem a pretensão de construir uma sociedade melhor, nem mesmo um ser humano melhor; então peço que o aceite como um momento lúdico, uma pausa para sorrir e pensar sobre algumas bobagens.

Talvez ele seja apenas um vestuário que se encaixa numa das modalidades do pessimismo, na minha forma por excelência o equivocacionismo, ele visa um pensar sobre o medo, procura verificar seu nascimento na alma do homem e nos hábitos sociais, sua ação de preservação e destruição da vida, o controle e artificialidade criados pelo medo e o fim da espontaneidade e, surpreendentemente, sua tendência estética e prazerosa. Explora também a atividade do filósofo, e as relações do pensamento e da linguagem, pois o confronto pessoal com o medo resultou de um fazer filosófico e sua expressão acontece na linguagem.

Fundamentalmente penso que os sentimentos e as sensações criam conhecimento e o difunde com velocidade e precisão. Por isso, talvez a poesia seja a forma mais precisa de linguagem.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Como um ex-covarde, sinto-me capacitado para o estudo do medo, que terá fundamentos filosóficos em Nietzsche e Bergson, num diálogo entre o precipício e o abismo, entre a vida e morte, entre a crise e a criação.

O ambiente da pesquisa é o pessimismo, tornei-me pessimista observando meu próprio corpo, pois desconfio que o pessimismo em mim é uma disfunção orgânica, um problema digestivo que me leva a pensar que mudança é sempre para pior e, mais ainda, parece-me que todo otimismo é um desvio de caráter.

Assim, esse artigo lida com medo, poesia e filosofia, é um trabalho em linguagem, ele trata com e de palavras. Existem palavras divinas, em Gêneses, Deus fala Luz, muito antes da criação dos homens, então não é de Luz que esse artigo fala, mas de Filosofia, que é uma palavra humana que nasce no assombro.

Mas ao falar o silêncio responde: Toda palavra é humana. Toda palavra é preconceito!

O que acontecerá comigo quanto comprar o mais novo celular? O que acontecerá quando possuir todos os canais de TV pública e privada? O que será que farei quando visitar todos os pontos turísticos do mundo? Quando me cansar de psicanálise? Quando esgotar todas as religiões? E não restar mais fantasias sexuais? Quando meu carro for sob encomenda? Quando tiver barco, helicóptero, e sorriso branqueado? Que farei quando a ressaca for cotidiana? Que fazer quando ninguém me amar e não amar mais ninguém? Que fazer quando nem mesmo ódio restar? Que farei depois do velório e funeral de Deus? Não saberei mais o que é superior, nem inferior. Não saberei o que é bem nem mal. Não existirá alto, nem baixo, nem fundo, tudo será abismo...E as cinzas de Deus cobrirão minha cabeça, e o tédio perderá seu bocejo, as forças se anulam na horizontalidade morna e democrática. E o último homem invejará as lesmas.

O medo construiu nosso comportamento cotidiano, parece que ele nasce na família e se alastra mundo afora. Os filhos temem os pais e depois são os pais que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

temem os filhos. O marido teme a mulher e ela ao marido, mas segundo Nietzsche elas são insuperáveis em matéria de crueldade.

Na escola, tememos os professores e eles morrem de medos dos seus alunos, assim vivemos uma moral utilitária e calculista, saber dizer o conveniente, fazer o agrado certo, tudo é sempre ameaça, por isso nunca encarar nada de frente. Sempre dar a volta, desfazer, nunca ser autêntico nem espontâneo para não correr riscos. O medo traça nossa trajetória na vida e é ele que constrói uma ditadura normativa, criminalizando tudo que baixe nossa autoestima. Não é mais o rei que manda sacrificar em praça pública, agora é o colega que denuncia e trai.

Nietzsche chamaria isso de ressentimento, por isso nossa opinião não é mais livre, para tudo há uma lei, não resta um espaço para decisão da consciência. Os conflitos entre geração, entre sexos e religiões estão normatizados, na defesa do fraco justificam, mas é apenas a regência do medo, pois fraco e forte são alternâncias, numa existência onde tudo está caindo. Vivemos somando avanços técnicos que respondem aos pavores míticos atávicos: morte, sofrimento, solidão, insegurança, fome, sexo. Fazemos o que podemos diante da opacidade do mundo e do tempo.

Mas o silêncio responde: Nem sempre o que se pode é feito, às vezes falta vontade. “Quanto mais bem formuladas estejam as ideias, quanto mais explícitas elas forem, menor será a sua eficácia: uma ideia clara é uma ideia sem futuro!” (Cioran)

Apesar da civilização do medo, ainda existem heróis, essa figura que todos respeitamos, hoje não é mais detentor de glória e honrarias, o herói da sociedade do medo enfrenta suas batalhas muitas vezes em silêncio, sozinho, dentro da família e do trabalho, enfrentando não a estrutura vertical de poder, de chefes e comandantes, mas dos seus iguais, é na horizontalidade que o poder acontece, é aí que por inveja e disputas a rede de intrigas e calúnias destrói. Muitas vezes temos notícias de um herói que enfrenta calado e firme essa guerra ácida do medo,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ninguém aparece, a luta se dá sem poder enxergar a face do inimigo, ele é covarde e sem face, são todos cúmplices, iguais e geralmente o que dá tapinhas nas costas está lhe apunhalando.

Mas quando esse herói passa por nós, ostentando sua dignidade, sabemos quem ele é, sabemos e o respeitamos. Esse herói não vence a fome, nem escapa à brutalidade, apenas tenta espichar o amor roubando migalhas de alegria na tragédia da escuridão do cotidiano. Saberemos que em pó toda a alegria virará, mas a corrosão do tempo e a crueldade dos instantes são também, oportunidade para tocar na corda da poesia alguma música, algum assombro. Esse herói caminha no silêncio.

Para Henri Bergson a linguagem nunca alcança o pensamento, sempre dizemos uma imagem retorcida e pálida daquilo que pensamos e sentimos. Mas me parece que essa linguagem de que Bergson está falando é representação, mas há uma linguagem que é apresentação, aquela que em vez de representar o que já existe, acrescenta algo novo ao mundo. Talvez por isso os filósofos conhecidos como pré-socráticos, escrevessem em versos, falassem de maneira poética. Talvez em versos para se buscar uma aproximação com a poesia, ou com um fazer artístico, a Filosofia não interpreta o mundo, ela cria mundos.

Por isso este artigo é o resultado de uma imensa preguiça e lentidão, é sorte de peregrinação do pensar em torno de si próprio, experimentando provocatoriamente os limites reflexivos e estéticos, estilhaçando as diversas formas de representação e as diversas formas de configuração do saber e não saber para as margens de um discurso filosófico racional instituído, atribuindo valor (não de verdade, mas de equivoco) à imaginação estética, à intervenção artística, às perífrases, ao fragmentário, ao sub e ao sobre-texto, ao espanto resultante do paradoxo, à forma disseminada e sibilina que emerge e imerge entre os conceitos e os argumentos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Na oficina do filósofo Ele cria artefatos, Objetos tão complexos Que nem tem utilidade. O objeto preferido pelo filósofo é o problema, Ele passa anos tentando criar um problema Até que no seu projeto de perguntas ele consegue Colocar a primeira questão. Ela a questão nunca é facilmente traduzível Ela é concreta para o filósofo Ela compõe a forma do objeto problema.

Essa é a ideia e a descoberta, a verdade não como adequação do intelecto ao objeto, *adequation* de São Tomás de Aquino, mas verdade desvelamento, ou equivoco e assombro. O texto filosófico não é uma proposição, não pode ser interpretado, no sentido que se separe significado de significante, o filosofema é um objeto construído com palavras, sendo um objeto só pode ser apreendido inteiro, ele é estético, sua função principal é um fim sem finalidade, ele é um objeto problema.

As consequências para o ensino da Filosofia que advém de pensar assim são tremendas. Não se poderia tirar uma cópia de um capítulo da República de Platão para ser estudado, a República só pode ser contemplada inteira, e de nada serve os interpretes, pois são como críticos literários, falam, falam, mas um poema por exemplo não quer dizer nada, do que eles pensam interpretar, o poema é inteiro, concreto, solido, intraduzível. Assim também seria o texto filosófico, talvez por isso Platão insistisse que o essencial não podia ser escrito, estava na conversa, na descoberta, no desvelamento junto, na coragem de contemplar o problema colocado pelo filósofo, talvez seja bem simples sua ideia, como defendia Bergson, uma intuição simples, que precisa de muitas palavras para tentar mostrá-la em discurso. Minha opinião é que uma obra filosófica só pode ser apreendida inteira e que não é um texto composto por proposição, logo não cabe nele tabela verdade, ele é um objeto concreto.

O medo da gramática, a fuga para os versos, a dificuldade de expressar o pensamento e o sentimento, a crítica ao ressentimento, o fazer Filosofia em versos nos pré socráticos e a ideia da existência de um objeto-problema representam o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

cenário em que acontece minha investida e interesse, todo esse cenário vale destacar encontra-se no teatro do pessimismo. “Pessoas que compreendem algo em toda a sua profundidade raramente lhe permanecem fiéis para sempre. Elas justamente levaram luz à profundidade: então há muita coisa ruim para ver” (NIETZSCHE, fragmento 488, 1986).

Esta perola do pensamento nietzschiano traduz bem o sentido do meu estudo, ressalto que isso não se dá apenas com conteúdos e textos, mas também com pessoas. Nietzsche é um construtor de peças pequenas e delicadas, mas de um poder arrasador, foi o primeiro a construir objetos de potencial atômico, pequenas bombas atômicas, assim as citações de Nietzsche que faço aqui são obras inteiras, ele sintetizou seu trabalho em nano-robôs destruidores.

Busquei na física aristotélica a ideia de impulso; para Aristóteles só há movimento se houver um impulso, acho que foi daí que Bergson tirou a ideia de impulso vital, mas para Aristóteles existe uma relação direta e a depender do tamanho do impulso, teremos maior ou menor velocidade, assim quanto maior o impulso, maior a velocidade.

Mas a natureza sempre guarda seus mistérios, nos fluidos isso não acontece, a natureza misteriosa dos fluidos, tal como a das mulheres, teima em desobedecer. Nos fluidos a resistência ao movimento aumenta na proporção do impulso, quanto maior o impulso, maior a resistência. Podemos perceber isso quando saltamos uma pedra suavemente sobre um lago, a pedra penetra rapidamente o interior da água, mas quando atiramos a pedra com força, a água se espalha e a pedra tende a parar, para só depois lentamente descer.

O objeto Filosofia é assim, ela resiste aos apressadinhos, tanto na produção, quanto na leitura, ou como é um objeto fluido, na sua penetração, ela exige lentidão, calma e então podemos sorver, regar, banhar, contemplar, derramar, aquecer ou congelar o texto filosófico. Esse líquido é terapêutico, cura principalmente o medo ou adoece.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O problema é que alguns efeitos colaterais acontecem, e em vez de corajosos, os bebedores de Filosofia geralmente tornam-se temerários, causando muito estrago pessoal.

Assim, pretendo tecer verso, medo e Filosofia na construção de uma rede, onde o conhecimento filosófico seja infundido já que fluido, plasma, espírito.

O medo é uma emoção intrínseca ao humano. Trata-se de uma emoção que acompanhou o curso evolutivo do homem, provavelmente, desde os primórdios da vida. O feto humano já reage com contrações quando estimulado no útero. Isso quer dizer que já no desenvolvimento intra-uterino o ser humano apresenta sinais de conduta individualizada que é o comportamento inibitório. Conhecemos esse comportamento com o nome de medo.

O medo é, portanto, a mais visceral e talvez a mais antiga emoção do homem. O medo foi necessário para que a espécie humana se preservasse e, sem ele, provavelmente, seríamos uma espécie extinta há muito.

O medo também é líquido, ele envenena e constrói uma sociedade líquida, onde as pessoas se moldam por conveniência, como líquido ao vasilhame. Mas por ser líquido o medo asfixia, afoga, os medrosos não respiram direito. Daí talvez essas proliferação de depressão e pânico. Medo de mudar e não ser aceito pelas pessoas que lhe são queridas; medo de ser rejeitado; medo das coisas não darem certo; medo de perder seus bens; medo de perder sua condição de sobrevivência; medo de perder o status, ou a situação social que conquistou; medo de descobrir que está errado; medo de tentar; medo de conseguir... são muitos e diferentes medos que surgem. O homem é a espécie mais fraca sobre a Terra, segundo Nietzsche, não temos veneno, nem cascos, nem chifres, nem garras. Talvez não seja nem a mais esperta, se levarmos em conta as decisões autodestrutivas que tomamos de vez em quando. Mas de uma coisa podemos nos orgulhar: somos os mais medrosos. - Você é seu maior perigo...



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Vivemos de forma miserável, a fala degenerou em falatório, vivemos de retórica; a retórica é sempre quando o discurso é maior que o sentimento e que o pensamento, então é a pobreza. Falamos muito em afetividade, mas ela deveria ser uma experiência, uma vivência, mas sabemos tudo de afetividade, temos sobre ela uma retórica e uma pobreza. Quando precisamos dizer muito que amamos alguém é porque o amor é insuficiente. O amor se dá no silêncio.

A Filosofia é transcendência para mim, e a Filosofia é muito mais que o texto ou objeto filosófico, mas podemos encontrá-la lá. Ela é o espanto, a ideia que nos é ofertada por graça, um instante epifânico, é uma súbita sensação de realização ou compreensão da essência de algo. O termo é usado nos sentidos filosófico e literal para indicar que alguém "encontrou finalmente a última peça do quebra-cabeças e agora consegue ver a imagem completa", quando um pensamento inspirado e iluminante acontece, que parece ser divino em natureza.

Esta transcendência se dá no cotidiano porque o homem pode se comover com as coisas mínimas. A Filosofia é feita de matéria imponderável. A filosofia nasce do espanto porque ela transcende o medo, e no vigor do pensamento filosófico vemos que dor não é amargura e medo não é covardia. Não só a Filosofia, mas toda palavra deveria ser poética, pois a poesia é a essência da linguagem, pois a linguagem poética é enxuta, sem retórica. A poesia é simples e rica.

Talvez tenha sido do medo e do pavor que um certo macaco tinha da fome e da brutalidade, que nele se desenvolveu a consciência.

Assim o medo e tudo que se relaciona com ele são excelentes formadores, daí a educação usar instrumentos sempre traumáticos para desenvolver a memória, o trauma não se esquece.

Nietzsche dizia que na linguagem existem duas montanhas, em uma delas mora o poeta e na outra o filósofo. Para visitá-los temos que escalar e a subida é dura e perigosa, é preciso coragem e resistência física, um bom pulmão e pernas fortes...



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Quando escrevo pareço um alpinista louco, pois nunca sei onde estou, quando tento a poesia estou na filosofia, quando tento a filosofia desemboco na poesia. Estou sempre na montanha errada, e assim mais que um alpinista louco sou sempre um hospede indesejado.

E é desse desconforto que retiro meu poema. Meu pensar. Talvez porque pensar é um jeito de sentir e sentir um jeito de pensar em quem não sabe bem aonde ir. A sensação de incompletude e fracasso mais que sobrevoa o meu texto, exala de mim. Parece que não alcanço. A maior parte dos textos e dos pensamentos é queda, escorregos, arranhões. Quando não caio e consigo arrastar-me até uma pedra que permite alguma visão do panorama, percebo que estou na montanha errada e o cheiro de erro brota do meu suor, então noto a imensa inutilidade do esforço.

Em minha atividade de escrever só há um momento de glória: é quando estou escrevendo, subindo a montanha, na agonia do esforço, no movimento, dentro do fluir do texto, sinto-me em plenitude. Ali parece tudo certo, tudo belo, tudo santo. Mas no fim decepção. Talvez por isso sigo escrevendo, pra mim meu fim é meu meio. Meu ápice é o desenvolvimento. Minha meta é meu caminhar. Meu chegar está sempre errado, minha arte é equivoco.

Pois é, sou o representante do equivocacionismo, que é a filosofia dos tolos e a poesia dos tontos.

MATERIAL E MÉTODOS

Somente após a conclusão posso falar da caminhada, como um olhar para trás e colocar as placas de aviso, cuidado por aqui se cai num pântano, eu cá; por ali num abismo. O método empregado, foi a intuição e mesmo assim minha trilha forma um rosário de erros. E assim ele serve para não ser seguido, não venham por aqui.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assim minha lógica se sustenta na seguinte aporia: Certeza que estou errado. Essa máxima é terrível porque se estou errado, estou certo. E se estou certo, estou errado.

Na relação com a autoridade essa lógica se expressa assim: Se concorda comigo e entende que estou certo, é porque estou errado. Mas se discorda e percebe que estou errado, concorda comigo. Por isso meu método expressa um acolhimento do pensamento do outro, onde terá sempre um lugar de destaque, pois a lógica escolhida mesmo sendo monológica e formal é acolhedora, tem forma de colo, de abraço. Onde o outro é indispensável, sem o outro existe braço, mas nunca abraço.

Outro desdobramento metodológico exigido foi a separação de pensamento e conhecimento. Para mim nesse trabalho o pensamento não é conhecimento, é muito mais desconhecimento, mas é dele que todo conhecimento brota, todo conhecimento brota do desconhecido, esse impulso originário e constituidor que é o pensamento não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido. Como pensar não é um conhecimento não pode ser ensinado, como minha mãe me ensinou a lavar roupas.

Pensar se aprende por contágio, é uma infecção, ao se aproximar de uma experiência de pensamento podemos nos contaminar e começar a pensar, talvez isso justifique se estudar os filósofos. Como uma busca de contaminação.

O resultado disso foi a separação das filosofias da Filosofia, as filosofias são esforço de pensamento que resultou em conhecimento histórico, e Filosofia é aquele esforço que é igual nas filosofias, e que faz com que possamos identificá-las como filosofias mesmo sendo contrárias e de outros tempos. O esforço de pensamento é que chamo Filosofia.

A síntese desse trabalho é a uma palavra: co-mover. Depois de lidar com Filosofia, Poesia, Difusão do Conhecimento, Medo e Educação. Percebo que minha síntese é de que esses conteúdos estão cheios de palavras como compreensão,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

difusão, inclusão, implicação, transdisciplinaridade, multireferencialidade, diversidade e participação. Mas a palavra co-mover lembra-me a própria constituição da consciência para a fenomenologia, consciência como uma intencionalidade, um mover-se em direção da coisa, então co-mover seria um mover junto, um processo de partilhar o sentimento pensamento, consciência do outro, vê como ou parecido, ou distorcido, ou contra, mas junto, co-mover parece-me a palavra da educação e difusão que resulta desse pensamento.

Os filósofos chamados de pré-socráticos, talvez pela proximidade dos poetas ou pela originalidade do pensamento, falavam poeticamente, a poesia seria a linguagem mais precisa, pois fala direto ao coração, ela comove.

As razões do coração são as de maior consciência, ou talvez possa dizer seja a maior consciência. Onde o conhecimento se aproxima do pensamento, onde o constituinte e constituído se beijam e se ariscam.

- Para comover é preciso que ainda haja corações.

Assim não tenho certeza que seja um artigo ou apenas um vestuário, que costurei para minha inveja ou vaidade, todas as duas adoram disfarces e não ficam bem se apresentarem nuas, talvez nunca saberei. Apenas me lanço como um temerário nos possíveis corações dos leitores.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**. Tradução por Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Matéria e Memória**. Tradução por Paulo Naves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O Pensamento e o Movente**. Tradução. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O Riso**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- _____. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta.** Tradução Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- _____. **Bergsonismo.** Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FREUD, S. **O estranho** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. 1976.
- _____. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago. 1997.
- GALEFFI, Dante. **O ser-sendo da filosofia.** Salvador: EDUFBA, 2001.
- GALEFFI, Romano. **A presença de Bergson.** Salvador: Universidade da Bahia, 1961.
- LACAN, J. **Seminário. Livro 20.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1972.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal.** Companhia das Letras, São Paulo, 2002.
- _____. **Fragmentos do espólio.** Editora UNB. Brasília, 2008.
- _____. Coleção os Pensadores. Editor Victor Civita. São Paulo, 1983.
- _____. **Humano, demasiado humano.** Editores Mexicanos Unidos, 1986.
- _____. **Crepúsculo dos Ídolos.** Disponível em: http://www.tse.gov.br/hotSites/biblioteca/corujita/arquivos/Crepusculo_dos_idolos.pdf. Acessado em 14/04/2013.
- REALE, Giovanni. **Para uma Nova Interpretação de Platão.** São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- TORREÃO, Rita Célia. **O Rio do Tempo o Homem Devorador de Tempo.** Revista da FACED-UFBA n 12-2008
- _____. **Nas Asas da Borboleta Filosofia de Bergson e Educação.** Salvador: Edufba, 2012.